**O comerciante no poeta**[[1]](#footnote-1)\*

Todo autor tem um jeito próprio de vender sua mercadoria; - de minha parte, não gostaria de, diante da morte, ficar numa loja escura, regateando e pechinchando alguns tostões a mais ou a menos.[[2]](#footnote-2)

 Sterne, *Tristram Shandy*, I, 9.

É mais ou menos aceitável incluir o poeta na condição de produtor entre os "produtores", as “classes produtoras”. Obviamente, devemos ignorar quanta mesquinharia e impudência se escondem sob a imagem do "trabalhador espiritual" (como percevejos de fogo sob uma pedra). Mas o fato de que os poetas sejam retratados como comerciantes é novo, tudo menos do que frase feita e um modo de falar, sob o qual nesse momento em Paris - esta escola única de boa conduta na crítica – tenta-se criar uma variação elegante e adequada da "característica" usual de poetas.

  Não é sabido que o poeta tenha realmente mais do comerciante do que se gostaria de admitir - às vezes mais do que do produtor? Sem dúvida, há o suficiente daqueles que, como comerciantes grandes ou pequenos, vendem tecidos antiquíssimos, nobres ou novidades da moda para as pessoas e, além disso, utilizam todo o aparato do comerciante: o prefácio publicitário e a decoração da vitrine dos pequenos capítulos, o "eu" servil atrás do balcão e os cálculos de tensão, o descanso do domingo após cada sexta ideia e o que recebe os pagamentos. Os escritores, no entanto, têm mais a ganhar com essa visão do que com uma mística da produção que na maioria das vezes corresponde à do taverneiro.

  Tudo isso não está escrito no livro do qual se trata. Porque este tem a vantagem de não ter texto. *Em breve ... 62 lojas literárias,* apresentadas por Pierre Mac Orlan; Henri Guilac, arquiteto; Simon Kra, empreendedor. ("*Prochainement ouverture ... de 62 boutiques littéraires* presentées par Pierre Mac Orlan”) [[3]](#footnote-3). A capa do livro mostra isso pincelado sobre uma parede verde de madeira, dito em alemão: Henri Guilac desenhou este livro, Pierre Mac Orlan prefaciou e Simon Kra publicou. As imagens apresentam 62 poetas franceses em frente de suas lojas imaginárias. Todo alemão, nesse caso, esperaria uma sátira fulminante. Decepcioná-lo é o tipicamente parisiense neste livro. Porque nessas páginas, todas coloridas à mão de maneira muito limpa e em cores vibrantes, há uma *candeur[[4]](#footnote-4)*, uma ternura que deve torná-las um puro prazer para quase todos os 62 que são por ela afetados. Eles, à frente da porta na espera de seus clientes, olham através da vitrine ou se inclinam sobre o balcão. Quão óbvio, no entanto, que ninguém apareça! E isso já na França! Quão desertas não pareceriam essas lojas para nós alemães! Pintar clientes também não teria dado certo ou cada milhar da tiragem deveria ter sido representado por um homenzinho que compra? Seja como for, a rua está vazia. Gide criou para si uma *Delicatesse* com o seu trabalho juvenil, os *Nourritures Terrestres[[5]](#footnote-5),* que vende vinhos das *Caves du Vatican[[6]](#footnote-6)*. Paul Morand, como proxeneta, posta-se na entrada de um estabelecimento duvidoso, cuja lanterna vermelha indica *Ouvert la nuit[[7]](#footnote-7)* . Lê-se "F. Carco" – especialista em romances de Apache - em uma marquise verde, em cuja escassa proteção *Rien qu’une femme[[8]](#footnote-8)* mostra seus seios na janela. Casa após casa enfileiram-se nesta cidade literária paradisíaca: loja de malas (Colette), perfumaria, loja de câmbio, padaria, restaurante ao ar livre (Eugène Montfort) e agência de viagens (Charles Vildrac). Ao final, passamos pelo *banlieue[[9]](#footnote-9)* , onde se encontra toda uma feira de barracas, uma quermesse com uma tenda de loteria, um gabinete de curiosidades anatômicas, um estande de charlatão, uma barraca de arremessar bolas (com o delgado Jean Cocteau como dono), uma barraca com livros antigos *Les livres du Temp[[10]](#footnote-10)*, em frente à qual é posto Paul Souday, o crítico literário do *Temps* .

Ouvimos sobre um plano antigo e abandonado para realmente construir feiras de mercado literários e dessa maneira plantar o próprio poeta nelas. Com Mac Orlan lamentamos que algo assim não tenha acontecido na *Exposition des Arts et Métiers*. Com certeza, tem razão o prefácio, no qual avisa aos escritores, que eles desconhecem até que ponto o que fazem parece ser irrelevante para o povo e que um dia eles teriam que pagar por isso.

Tal brincadeira engenhosa com as coisas da literatura poderia mudar isso, se, com todo o charme que possui, não permanecesse tão particular e tão isolada. Por isso, devemos, silenciosamente, alegrarmo-nos por ela, porque a andorinha, que sozinha não faz verão, é o bicho de estimação de nossa época.

1. .\* *G.S*. III, p.46-48. Tradução de Carla Milani Damião a partir do original alemão. Resenha originalmente publicada na revista *Literarische Welt* em 15/10/1926*.* [N.E.] [↑](#footnote-ref-1)
2. A passagem, no texto original em inglês, não corresponde integralmente à citação da obra de Sterne feita por Benjamin: “—Every author has a way of his own in bringing his points to bear;—for my own part, as I hate chaffering and higgling for a few guineas in a dark entry;—I resolved within myself, from the very beginning, to deal squarely and openly with your Great Folks in this affair, and try whether I should not come off the better by it.” Sterne, Laurence. *The Life and Opinions of Tristram Shandy*, Gentleman (p. 8). Edição do Kindle. [N.T.] [↑](#footnote-ref-2)
3. Trata-se do livro editado por Simon Kra em 1925, ilustrado pelo desenhista Henri Guilac, colorido por Jacomet, com apresentação de Pierre Mac Orlan. São 62 caricaturas de escritores franceses como vendedores, tendo o nome de obras associadas a lojas com toldo como as de um mercado e fachadas. [N.E.] [↑](#footnote-ref-3)
4. Candura. Em francês no original. [N.E.] [↑](#footnote-ref-4)
5. *Frutos da terra,* de 1897. [N.E.] [↑](#footnote-ref-5)
6. *Os subterrâneos do vaticano,* de 1914. [N.E.] [↑](#footnote-ref-6)
7. *Aberto à noite,* livro de 1922. [N.E.] [↑](#footnote-ref-7)
8. *Nada mais que uma mulher,* de 1921. [N.E.] [↑](#footnote-ref-8)
9. Arredores, subúrbio. Em francês no original. [N.E.] [↑](#footnote-ref-9)
10. *O livro do tempo,* 3 volumes, entre 1913-1930. [N.E.] [↑](#footnote-ref-10)